

Vida/Longa travessia perigosa

Carlos Augusto Figueiredo Monteiro*

Nasci em Teresina, capital do Piauí, no ano de 1927 e hoje deparo-me com um total de 87 anos de existência o que ultrapassa, de muito, a esperança de vida dos brasileiros (75 anos). Se viver é perigoso como enfatiza Guimarães Rosa, ele parece ampliado quando esse tempo é espalhado por diversos espaços num País de território amplo como o nosso.

Minha primeira etapa foi vivida em Teresina, até os 18 anos de idade englobando aí uma infância feliz, uma adolescência sofrida, uma razoável escolaridade primária e secundária até os 18 anos de idade quando – como está marcado no destino dos brasileiros nordestinos – migrei para o Rio de Janeiro para, longe da família, enfrentar a vida.

Estava certo de que esta etapa inicial foi fundamentalmente importante nesta longa “travessia” desde que “régua e compasso” para a conclusão do desenho da vida foram trazidos de lá. Meio perdido na antiga capital da República Brasileira, socorrido por uma equipe de orientação vocacional, as diferentes tendências psicológicas pendendo para o “artístico” indicaram-me o curso de Geografia e História ministrado na Faculdade Nacional de Filosofia na então Universidade do Brasil.

Saltando de pequenos empregos, com auxílio de um a prima consegui um encosto de “extranumerário” no então Ministério da Educação e Saúde que, perdendo algumas aulas no início das tardes pude apoiar-me naquele primeiro ano de 1947.

Embora direcionado para a História (da Arte) despertei para a Geografia, sobretudo por influência do professor francês Francis Ruellan que, como consultor do Conselho Nacional de Geografia

* Professor Emerito da FFLCH/USP.

MONTEIRO, C.A.F. Vida/Longa travessia perigosa.

(IBGE) e comprometido nos estudos para a localização da nova capital da República levava alguns alunos (do primeiro ao quarto ano) para um trabalho de campo de reconhecimento geográfico preliminar no Planalto Central. Aproveitando as férias em julho de 1947 vi-me comprometido num exaustivo trabalho de campo que além do previsto mês de julho extrapolou por todo o mês de agosto. Perdi, por “abandono de cargo” o meu precário emprego no MEC.

Para mitigar a perda de um emprego, a colega Dora do Amarante Romariz advogou ao então Secretário do Conselho Nacional de Geografia, em processo de ampliação, que eu fosse admitido como “auxiliar de geógrafo” o que foi conseguido. Assim, vi-me eu com o enriquecimento da pesquisa no CNG com a teoria da Faculdade Nacional de Filosofia, com “horário especial” compensativo. Ao lado disso tive a oportunidade de trabalhar e conviver com geógrafos que além da “madrinha Romariz” num primoroso conjunto de geógrafos eu ressaltaria Ligia Maria Cavalcanti Bernardes, José Veríssimo da Costa Pereira. A primeira foi minha “chefe” no Setor de Climatologia e o segundo pela sua importância na orientação de minhas leituras e por estimular a elaboração do meu primeiro artigo “**Notas para o estudo do clima da região Centro-Oeste**”, publicado na Revista Brasileira de Geografia, escrito quando ainda aluno do segundo e terceiro anos do Curso.

Ao finalizar o curso de Geografia, como tarefa do CNG tive o privilégio de acompanhar o Professor em sua excursão ao Estado do Espírito Santo, na companhia de Walter Alberto Egler, para que o notável geógrafo alemão (radicado no Estados Unidos) pudesse comparar aquela paisagem capixaba com aquela da Região Sul do Brasil. Apesar de curta foi de uma grande importância para mim (1949).

No ano seguinte (1950) concluindo assim o bacharelado e a licenciatura em Geografia e História. Prepare-me, graças ao empenho do Professor Ruellan, para desfrutar de uma bolsa de estudos do Governo Francês, passando dois anos na França. No

MONTEIRO, C.A.F. Vida/Longa travessia perigosa.

primeiro ano (1951-52) concentrei minha atenção no Institut de Geographie quando, naquela época, atuava o ápice da Geografia Francesa. Tendo sido prorrogada minha bolsa por mais um ano letivo (1952-53) embora contrariando Ruellan. Fui à Faculte das Sciences (Sorbone também) tendo prestado exames escrito, oral e prática do “Certificat de Geographie Physique et Geologie Dynamique. Embora, em termos brasileiros, um “certificat” correspondesse apenas a uma série no nosso currículo, eu, mais do que uma aspiração a uma pós-graduação, aspirava antes a uma complementação já que o nosso curso de Geografia e História, não havia, Petrografia, Geologia, Oceanografia, o que era um progressivo direcionamento para a área de Geografia Física.

De volta ao Brasil encontrei o CNG entrando num período de desaceleração de seu crescimento e resolvi experimentar o ensino universitário. Encontrei a possibilidade de colaborar como docente de Geografia Física na Faculdade Catarinense de Filosofia um “tour de force” do Desembargador Henrique da Silva Fontes para germinar a criação de uma Universidade Federal no Estado de Santa Catarina. Sendo este estado sulino um dos raros que possuía um Departamento Estadual de Geografia e Cartografia (DEGC) o CNG-IBGE poderia designar-me para colaborar com aquela instituição. Assim trabalhava no expediente da manhã no DEGC e a tarde e a noite na Faculdade. Na Faculdade, com o apoio total do Desembargador Fontes dirigi o Departamento de Geografia e História em plena formação com problemas variados, desde a chegada de professores e organização material, incluindo separação dos cursos de Geografia e História (1957). No DEGC, com a equipe da instituição, mais a colaboração dos recém chegados professores de Geografia para a Faculdade, com o apoio do Diretor Carlos Büchele Júnior (DEGC) orientei e também executei a realização do “**Atlas Geográfico de Santa Catarina**” (1958).

Além destas tarefas específicas minha temporada em Florianópolis foi de grande atividade de estudo, fosse na Geografia do Brasil fosse na Climatologia do Sul do Brasil – mergulhando na obra dos meteorologistas Adalberto Serra e Leandro Ratisbona.

Este tema, aliás, acabou sendo o eleito como meu campo de pesquisa onde eu pressentia uma possibilidade de contribuição.

Embora haja sido um dos espaço-tempo mais positivos de minha vida profissional e pessoal, resolvi deixar Florianópolis para colaborar com o Estado de São Paulo na cidade de Rio Claro onde se instalava um dos Institutos Isolados de Ensino Superior (embrião da atual UNESP). Ficaria eu mais próximo da USP onde me inscrevera no doutorado sob a orientação do Professor João Dias da Silveira.

O período de cinco anos de atuação realizado em Florianópolis repetiu-se em Rio Claro (1960-1964). Embora tendo que recomeçar a organização da Geografia Física foi feita ênfase na Climatologia enfatizando em seu caráter “geográfico”. Além de artigos em revistas (notadamente na Revista Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e História), houve a produção (enfaticamente didático) do capítulo Clima da Região Sul, publicado no volume Região Sul da Geografia Regional do Brasil, editado pelo IBGE.

Mas a produção mais relevante foi aquela – produção realização com uma equipe de doze alunos – de um Estudo Geográfico das Chuvas no Estado de São Paulo, assentado no comportamento da Frente Polar Atlântica, com elevado número de mapas de isotas e esquemas da dinâmica da aceleração regional (o que o levou a ser rotulado ATLAS). Este trabalho, além de contar com os alunos representou todo um esforço empírico que serviu de base teórica a uma concepção “geográfica” do conceito e paradigmas do Clima.

Exatamente no momento de sua conclusão a Meteorologia celebrava grandiosos progressos, graças aos satélites meteorológicos inclusive aqueles importantíssimos das “nefanalises”, ou seja, os sistemas de nuvens. Acrescente-se a isto o fato de que o nosso “atlas” só viria a ser publicado DEZ ANOS após sua conclusão. Malgrado esse problema, um grupo de colegas de Presidente Prudente e Rio Claro deu feições mais moderna e

MONTEIRO, C.A.F. Vida/Longa travessia perigosa.

prática, elaborando um CD que ainda circula pelo menos Estado de São Paulo.

Em 1965 retornei ao Rio de Janeiro, ao meu posto – agora de “geógrafo” do Conselho Nacional de Geografia que, para minha atuação em Rio Claro concedera-me licença sem vencimentos, mas sem prejuízo de meu tempo de serviço. Foi muito difícil adaptar-me à postura tecnocrata enfatizada pelo IBGE. Solicitei dois anos de licença para colaborar com a Universidade Nacional de Brasília, o que não me foi concedido, o que prejudicaria a composição do meu tempo de serviço público.

O convite para colaborar com a UnB a princípio foi recusado porquanto aquela Universidade, criação de Darcy Ribeiro, passara por uma forte crise pelo regime militar implantado e eu não aceitaria “substituir” nenhum colega docente. Foi-me esclarecido que se tratava de uma nova escola – um curso de Geociências. A Geologia, já existia com docentes originados de Porto Alegre-RS, sendo planejada a instalação daquele de Geografia. Passei o segundo semestre do ano letivo de 1966 e aquele de 1967. Ocupava-me das aulas de Geomorfologia e, com o tempo que me sobrava ocupei-me da montagem da minha tese de doutorado defendida no dia 23 de abril de 1967. Após o que recebi o convite do Professor Dr. Aziz ab’Saber para ingressar na USP como assistente doutor na Cadeira de Geografia naquele Departamento da FFLCH-USP.

Minha atuação na USP foi a mais longa de todas e, conseqüentemente aquela mais produtiva. Graças a organização vigente naquela época havia um Departamento da USP ao qual se juntava um Instituto de Geografia, para, com uma série de Laboratórios executar programas de “pesquisas”. Herdei, assim, um lugar de docente na cadeira de Geografia Física e um Laboratório de Climatologia no Instituto – IGEOG-FFLCH-USP. O referido Instituto possuía ainda uma sala especial de apoio aos professores do ensino médio, composto de biblioteca, material didático (slides, por exemplo). Enfim, material disponível no Século XX e hoje, em grande parte ultrapassado.

O Laboratório de Climatologia era destinado a todos os docentes que se ocupavam das disciplinas de Climatologia (Introdução, Física, Regional, Urbana, etc. etc.). Em verdade somente uns poucos colegas se aproximavam, deixando-me como uma espécie de “titular” o que era “malgré moi”. Mais utilizado pelos alunos de pós-graduação era o espaço onde realizávamos os seminários que eram abertos a interessados de outros departamentos ou instituições: Agronomia, Saúde Pública, Educação Física, etc., além daquelas especialidades interessadas na poluição atmosférica. Nele fazíamos também seminários optativos, ministrados por mim segundo minhas leituras e interesses epistemológicos e filosóficos.

Um dos grandes interesses do Professor AB’SABER era na produção de textos de divulgação das pesquisas e a Série CLIMATOLOGIA chegou a publicar alguns resultados do Professor e pós-graduandos tanto nas séries de pequeno formato quanto naquela de “Teses e Monografias”.

Tive razoável número de orientandos (em Climatologia) mas relativamente poucos chegaram a concluir seus programas e defende-los. Um total de 20 (vinte) programas foram concluídos (quatorze mestrados e sete doutorados – vide relação anexa).

Durante meus vinte anos de atividade na USP tive o ensejo de filiar-me a International Geographical Union cujos congressos passei a frequentar em Moscou (1976); Toquio (1980); Paris (1984); Sydney (1988) incluindo também as reuniões anuais da Comissão “Environmental Problems, presidida pelo soviético acadêmico I. Guerassimov: Praga (1977); Lagos (1978); Moscou (1979); Tóquio (1980); México (1981); São Paulo (1982); Majorca (1983); Nalshic-URSS (1985); Sydney (1988). Para comparecer a estes encontros internacionais, consideravelmente importantes para docentes universitários, apenas quatro deles me foram financiados por instituições internacionais: Nações Unidas, México e Espanha. Todos os outros, autorizados pela USP, foram custeados por mim próprio (naqueles tempos tendo aberto crediário na VARIG).

Com os perigos da “travessia” foram aparecendo as mudanças. Acumulando-se pouco a pouco elas se ampliaram nos anos 60 quando se manifestaram as “revoluções” ditas “teoréticas” e “quantitativas” consideravelmente impulsionadas pela Fundação IBGE e Departamento de Geografia de Rio Claro.

Os progressos nas comunicações foram ampliando-se cada vez mais, uma necessidade imperiosa a um “mundo” em processo de “globalização”. Mas a superposição e acúmulo dessas mudanças ocorreram entre 1968 e 1973 do nosso ato institucional nº 2 (e de um ingresso na USP), as rebeliões dos jovens nas primaveras de Paris e Praga, a emancipação das mulheres com a pílula e queima de “porta seios”, Woodstock e, sobretudo, a chegada do homem (USA) à lua e a crise do petróleo dos árabes.

Acrescente-se – o que se configurava da maior importância – o gigantesco progresso (verdadeira revolução) nas comunicações, normal para as crianças e adolescentes, incômodo (?) para os maduros e muito difícil para os velhos. Para aqueles como eu, ultrapassante dos oitenta anos há um mundo completamente novo, lançando um desafio, uma grande dificuldade e, para uns, verdadeira impossibilidade.

No ano letivo de 1985 fui convidado para proferir a aula inaugural no anfiteatro da Geografia. Naquele momento eu já me vinha sendo tomado por uma tristeza (séria “depressão”). O título que lhe dei foi “Geografia e Sentimento do Mundo”. Nesse tema indisfarçadamente drumoniano não consegui minorar a melancolia, a decepção com o rumo dos acontecimentos universitários, especialmente os rumos propostos para a Geografia. No Diário Oficial de 23.03.1987 saía publicada minha aposentadoria como Professor Titular da Universidade de São Paulo.

Tinha eu 60 anos de idade. Como “professor” foi a minha única vocação meu sofrimento projetar-se ia por cerca de dez anos (a compulsória de 70 anos) a qual tenho compartilhado com outras universidades.

Hoje em dia quando o visito o meu ex departamento de Geografia da USP a grande maioria – senão a totalidade –

MONTEIRO, C.A.F. Vida/Longa travessia perigosa.

ingressou ali quando eu já estava aposentado naquele Departamento.

Ao deixar a USP auxiliei os colegas da UFNG e UFSC em algumas disciplinas de Pós-Graduação. Numerosos convites para proferir palestras nas Semanas de Geografia. Já estou acertando com certa relutância mas resguardo a minha liberdade de escolha de meus temas que resvalam do âmbito geográfico (que vigorou no mau tempo para suas relações com as artes: literatura, cinema, pintura, etc., etc... e com mais ousadia com a ciência.

Meu contato com universidades do exterior restringiu-se a visitas aos departamentos de Geografia de alguns países, notadamente nos Estados Unidos. Estudos mesmo só realizei com a Université de Paris (Sorbonne). Um contato por estranho que se pareça, foi estabelecido com o Japão. Além da participação em congressos naquele País efetivei dois contatos relevantes. O primeiro entre setembro de 1982 a abril de 1983, realizando um estudo sobre “desertificação” no Nordeste Brasileiro com trabalho de campo antes de realizar o trabalho de gabinete junto a Universidade de TSUKUBA, Ibaraki. Este trabalho escrito em inglês e publicado naquela instituição em 1988. A segunda colaboração foi no corpo docente do Curso de Estudos Brasileiros, durante dois anos (1995-1997, ocasião em que aproveitei para conhecer vários países da Ásia.

Espero que esta exposição – um tanto desatualizada – suscite algumas indagações de colegas e alunos. Obrigado por não me esqueceram.

Recebido em
Aceito em